



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

3

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)


Ano 2020



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

3

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 3

Editores: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 3 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-277-7 DOI 10.22533/at.ed.777201908</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional. I. Silva, Américo Junior Nunes da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O terceiro volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, todos aqueles que pensam a educação e suas interfaces com as tecnologias.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro e as questões voltadas a tecnologia. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional e que apresentam como objeto de estudo as questões tecnológicas e educacionais.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC's) COMO FERRAMENTAS DE ENSINO E APRENDIZADO	
Domingos Sávio do Nascimento Flaviano Ferreira de Araújo Gildene Fortes de Meneses Machado Lidiane da Costa Reis Lima Tamires Almeida Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.7772019081	
CAPÍTULO 2	11
GESTÃO ESCOLAR E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs): UMA REVISÃO NARRATIVA	
Valéria Lima Alves de Souza Ana Paula Campos Fernandes Mauro Lúcio de Oliveira Júnior Rodrigo Silva Nascimento Priscila Figueiredo Campos Maurício Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.7772019082	
CAPÍTULO 3	22
EAD NA EDUCAÇÃO CORPORATIVA: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ALUNOS	
Gustavo Scortegagna Esaú de Souza Borba	
DOI 10.22533/at.ed.7772019083	
CAPÍTULO 4	43
COMPETÊNCIAS E LIMITAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA NO MEIO OESTE CATARINENSE	
Joel Haroldo Baade Alexandre João Cachoeira Adelcio Machado dos Santos Inês Maria Gugel Dummel	
DOI 10.22533/at.ed.7772019084	
CAPÍTULO 5	56
DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO USO DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS NA EDUCAÇÃO	
Felipe Gustavo Vieira de Almeida Wellington Blender Palheta Silva Caren Vanessa Pinheiro de Castro Reinaldo Eduardo da Silva Sales	
DOI 10.22533/at.ed.7772019085	
CAPÍTULO 6	71
DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE ATRAVÉS DA INFORMÁTICA – CASO COM A COMUNIDADE DE IDOSOS NO BREJO PARAIBANO	
Márcia Verônica Costa Miranda Cinthia Carla Claudino Grangeiro José Lourivaldo da Silva Érico Alberto de Albuquerque Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.7772019086	

CAPÍTULO 7	85
O CURRÍCULO E AS TECNOLOGIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS	
José Luis dos Santos Sousa	
Graciene Reis de Sousa	
Clerislene da Rocha Morais Nogueira	
Fernando Macado Ferreira	
Nailton Sousa Saraiva	
Madalena Varzinha Ferreira Melo	
Antonio Guanacuy Almeida Moura	
DOI 10.22533/at.ed.7772019087	
CAPÍTULO 8	98
TECNOLOGIAS E METODOLOGIAS ATIVAS: EVIDÊNCIAS DE UMA RELAÇÃO SIMBIÓTICA EM PESQUISAS RELACIONADAS ÀS ENGENHARIAS	
Edinéia Zarpelon	
Klara Granetto Lusitani	
Janecler Aparecida Amorin Colombo	
DOI 10.22533/at.ed.7772019088	
CAPÍTULO 9	111
UTILIZANDO AS REDES SOCIAIS PARA MOTIVAR O APRENDIZADO	
Andréia de Cássia dos Santos	
Vera Adriana Huang Azevedo Hypólito	
DOI 10.22533/at.ed.7772019089	
CAPÍTULO 10	122
O INICIO DE TUDO: COMPREENDENDO OS PROCESSOS DO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO	
Adriana Rocha da Silva Machado	
Fernanda Monteiro Dias Lima Bicalho	
DOI 10.22533/at.ed.77720190810	
CAPÍTULO 11	125
GERENCIAMENTO DE SALAS DE AULA (PYCONTROLROOM) DESENVOLVIMENTO WEB COM FRAMEWORK DJANGO	
Mariana Cardoso	
Junio Horniche	
DOI 10.22533/at.ed.77720190811	
CAPÍTULO 12	135
USO DO MY MAPS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM SAÚDE COLETIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A MONITORIA	
Marcela Costa de Almeida Silva	
Aridiane Alves Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.77720190812	
CAPÍTULO 13	144
OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO NA ERA DA CIBERCULTURA	
Carlos Eduardo Canani	
Vanice dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77720190813	

CAPÍTULO 14	157
O PROFESSOR ORIENTADOR DE INFORMÁTICA EDUCATIVA COMO AGENTE POTENCIALIZADOR DE CONHECIMENTO	
Elaine Feitosa de Carvalho Pinheiro Barbosa Lucila Maria Pesce	
DOI 10.22533/at.ed.77720190814	
CAPÍTULO 15	162
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA OS TUTORES	
Marciel Costa de Oliveira Ana Paula Leite da Silva Tanaka	
DOI 10.22533/at.ed.77720190815	
CAPÍTULO 16	169
UMA VISÃO DA UTILIZAÇÃO DE POSTAGENS NA MÍDIA SOCIAL <i>INSTAGRAM</i> VISANDO À DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: A EXPERIÊNCIA EXITOSA DO JARDIM BOTÂNICO DO RECIFE	
Mayara Lopes de Freitas Lima Helaine Sivini Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.77720190816	
CAPÍTULO 17	186
PRODUÇÃO DE VÍDEO NA ESCOLA – RECURSO MIDIÁTICO NA FORMAÇÃO HUMANIZADORA COM ALUNOS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Matheus Henrique Barros Moraes Irene da Silva Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.77720190817	
CAPÍTULO 18	189
DESAFIANDO A GERAÇÃO Z COM PENSAMENTO COMPUTACIONAL: OLIMPÍADA DE PROGRAMAÇÃO E RACIOCÍNIO LÓGICO	
Maria Luiza Ferrarini Goulart Daniella Santaguida Magalhães de Souza Graziella Ferreira Guarda Ione Ferrarini Goulart	
DOI 10.22533/at.ed.77720190818	
CAPÍTULO 19	196
UM HISTÓRICO SOBRE AS POLÍTICAS DE QUALIDADE NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
Joel Peixoto Filho Carmen Irene Correia de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.77720190819	
CAPÍTULO 20	207
AVANÇOS NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS BRASILEIRAS DE ÂMBITO FEDERAL	
Tallyrand Moreira Jorcelino	
DOI 10.22533/at.ed.77720190820	
CAPÍTULO 21	225
ABORDAGEM PARA TORNAR VISÍVEL A APRENDIZAGEM E A CENTRALIDADE DA TECNOLOGIA DIGITAL	
Julia Pinheiro Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.77720190821	

SOBRE O ORGANIZADOR..... 232

ÍNDICE REMISSIVO 233

OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO NA ERA DA CIBERCULTURA

Data de aceite: 03/08/2020

Data de submissão: 05/05/2020

Carlos Eduardo Canani

Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac
Lages – SC
<http://lattes.cnpq.br/2107193327335804>

Vanice dos Santos

Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac
Lages – SC
<http://lattes.cnpq.br/7071557940601998>

RESUMO: O presente artigo aborda a relação pós-moderna entre a cibercultura, os movimentos sociais e a educação. Assim, serão apresentados conceitos referentes ao *ciberativismo* e à educação em ambientes digitais, processos mediados diretamente pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi de analisar as formas organizacionais desses processos digitais e os comportamentos dos indivíduos frente à realidade cibernética, na qual cada vez mais se inserem. Ademais, a metodologia utilizada consistiu no desenvolvimento de um estudo exploratório de fontes bibliográficas a partir de autores correlatos ao tema em questão,

tais como Lemos e Lévy (2010), Lévy (2011), Gohn (2014, 2011, 2010a, 2010b), Santaella (2003), Santos (2002), Bauman (2008, 2001), Castells (2003) e outros. A sociedade atual, inserida na era da cibercultura, apresenta-se sob a organização de novos arranjos sociais mediados, sobretudo, pelas TDIC, algo que traz implicações para as diversas esferas da vida cotidiana. Dessa forma, o ativismo social assume as características do mundo cibernético, algo que permite a construção de novas formas organizacionais para a política, o trabalho e a educação, por exemplo, com implicações diretas nos modos por meio dos quais os indivíduos se comportam frente a tais processos. Sendo assim, há espaço para o fortalecimento da comunicação interativa e da inteligência coletiva, principalmente a partir de reivindicações por questões identitárias, globais e por melhores condições de vida e trabalho. Diante disso, a educação também precisa apropriar-se do contexto cibercultural que a circunda, com a presença de um novo perfil de indivíduos em busca do conhecimento. Nesse cenário, a educação em ambientes digitais pode ser um caminho para oportunizar um ensino mais flexível e significativo, proporcionando o necessário protagonismo ativo a educadores e educandos na produção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Ciberativismo.*

SOCIAL MOVEMENTS AND EDUCATION IN THE ERA OF CYBERCULTURE

ABSTRACT: This article addresses a postmodern relationship between culture, social movements and education. Thus, concepts related to cyberactivism and education in digital environments will be presented, processes directly mediated by Digital Technologies of Information and Communication. In this sense, the objective of this work was to analyze the organizational forms of these digital processes and the performance of individuals in the face of cyber reality, in which they are increasingly inserted. Furthermore, a methodology used consisted of the development of an exploratory study of bibliographic sources, from authors related to the topic in question, such as Lemos and Lévy (2010), Lévy (2011), Gohn (2014, 2011, 2010a, 2010b), Santaella (2003), Santos (2002), Bauman (2008, 2001), Castells (2003) and others. A current society, inserted in the cyberculture era, presents itself under an organization of new social arrangements mediated, mainly, by TDIC, something that has implications for different scales of daily life. Thus, social activism takes on characteristics of the cyber world, something that allows the construction of new organizational forms for politics, work and education, for example, with direct implications for the ways in which individuals behave in the face of such processes. Thus, there is room for strengthening interactive communication and collective intelligence, mainly based on demands for identity, global issues and better living and working conditions. Therefore, education also needs to be appropriate for the cultural context that surrounds it, with the presence of a new profile of individuals in search of knowledge. In this case, education in digital environments can be a path to more flexible and meaningful teaching, providing the necessary active role to educators and students in the production of knowledge.

KEYWORDS: Cyberactivism. Cyberculture. Education in digital environments. Social movements.

1 | INTRODUÇÃO

A pós-modernidade ou modernidade líquida, como define o sociólogo Bauman (2001), apresenta um mundo globalizado no qual se desenvolvem relações cada vez mais fluídas. Pode-se dizer que há a construção de novas formas de relacionamento social, a partir das inovações tecnológicas, pois as distâncias geográficas hoje são encurtadas através da Internet, que ganha adeptos a uma rápida velocidade e faz surgir possibilidades para diversas esferas da vida cotidiana, como o trabalho, a educação, a diversão e também a política.

Evidentemente, isso implica transformações até mesmo no modo de reivindicar questões políticas e sociais, que passam a ser, muitas vezes, mediadas pelas tecnologias

digitais. Diante disso é que se evidencia o conceito de cibercultura, fazendo com que sejam observadas novas formas de intervenção política e de contestação da estrutura social vigente, algo que se denomina como *ciberativismo*, isto é, um ativismo social mediado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (doravante TDIC). Ademais, a cibercultura também acarretará em diretas implicações no que se refere à esfera educacional que, por sua vez, também está intrinsecamente ligada aos movimentos sociais.

Partindo disso, o presente artigo pretende analisar essa relação pós-moderna entre a cibercultura, os movimentos sociais e a educação, suas formas organizacionais e os comportamentos dos indivíduos frente a essa realidade cibernética, na qual estão inseridos. Para tanto, levando em consideração as TDIC, busca-se responder: quais são os novos modelos de movimentos sociais e de processos educacionais mediados na cibercultura?

Como é possível perceber, há uma enorme relevância nessa temática por apresentar-se no bojo da discussão pós-moderna. É claro que há inúmeros trabalhos versando sobre as TDIC. Da mesma forma, incontáveis têm sido as discussões sobre os movimentos sociais. No entanto, ao aproximarmos as duas áreas e, principalmente, ao propormos uma discussão acerca das implicações dessas relações para o campo educacional, emerge de maneira significativa a necessidade de novos estudos. Aproveitando-se disso é que esta proposição de trabalho surge.

Em relação à metodologia, inicialmente, foi realizado um estudo exploratório de fontes bibliográficas. A esse respeito, Gil (1999) conceitua que a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. Já conforme descrevem Barros e Lehfeld (2007), a pesquisa bibliográfica é a técnica empregada para buscar resolver um problema ou absorver conhecimentos mediante os materiais sonoros, gráficos e informatizados já elaborados. Diante do exposto, tomou-se como base da revisão bibliográfica aqui desenvolvida para a discussão dos conceitos aqui abordados os trabalhos de autores como Lemos e Lévy (2010), Lévy (2011), Gohn (2014, 2011, 2010a, 2010b), Santaella (2003), Santos (2002), Bauman (2008, 2001), Castells (2003) e outros.

Especificamente no que diz respeito à sua estrutura o artigo se organiza de modo a contemplar na sua primeira parte conceitos relacionados aos novos arranjos do ciberespaço e ao *ciberativismo*. Já em sua segunda parte, serão discutidas questões referentes aos movimentos sociais e à educação na era da cibercultura.

2 | NOVOS ARRANJOS SOCIAIS DO CIBERESPAÇO

Vivemos num mundo paradoxal. Por um lado, muitos são os avanços alcançados, sobretudo com o auxílio das TDIC, mas ao mesmo tempo grandes são os problemas sociais

não superados como, por exemplo, as desigualdades sociais, a violência, os problemas educacionais, as diversas formas de exclusão, entre tantos outros. Diante disso é que se estabelece uma considerável contradição: se por um lado, são reunidas, na atualidade, as condições técnicas para cumprir as promessas da modernidade ocidental, como a da liberdade, da igualdade e da solidariedade, por outro é cada vez mais evidente que tais promessas nunca estiveram tão longe de ser cumpridas como hoje (SANTOS, 2002).

Com o surgimento do ciberespaço¹, no final do século XX, inauguraram-se novas formas de hábitos sociais, de práticas de consumo culturais e de distribuição da informação, também por meio das redes telemáticas mundiais e da microinformática. O fato é que as novas tecnologias digitais da informação e comunicação, têm revolucionado a comunicação global, favorecendo o surgimento de novas formas de sociabilidade entre os povos (LEMOS; LÉVY, 2010).

Em busca de uma análise das imbricações de ambientes propícios para a convivência democrática, encontramos Santos (2013), ao lembrar a importância da ágora ateniense para a formação da cultura grega e ao reconhecer a potencialidade e a emergência dos espaços virtuais como ágora digital. Algumas das características mencionadas pela autora se referem ao fato de que, na ágora ateniense, havia a circulação de diversas pessoas e, nesse espaço, ocorriam trocas de mercadorias e trocas simbólicas. Além disso, ressalta-se também que

a internet, para além dos protocolos da informática, permitiu a constituição de comunidades, quer pelas interconexões entre os computadores e portanto, dos sujeitos que operam neles, e ainda dos princípios digitais [...] Esse acontecimento que parte de uma inovação, de uma infraestrutura pensada e desenvolvida por alguém e por um grupo tomou rumos não previstos. A praça pública, a ágora, ou a ágora digital, é ocupada por quem quiser estar, passar, parar, contemplar, falar. Enfim, a ágora digital é um espaço para quem quiser participar (SANTOS, 2013, p. 115, grifos da autora).

Se antes os indivíduos interagiam no espaço da vizinhança, atualmente isso ocorre, muitas vezes, por meio do ciberespaço, com a utilização das comunidades virtuais e das redes sociais. Isso se deve ao fato de que, nesse ambiente digital, os recursos cibernéticos foram desenvolvidos para conectar as pessoas das mais diversas regiões do planeta, em larga escala e em tempo reduzido.

De tal modo, o ciberespaço apresenta-se a partir de uma complexidade de indivíduos conectados em redes virtuais, os quais circulam livremente neste ambiente, podendo modificar, intervir, contestar e reconstruir as práticas culturais, políticas e sociais. Além disso, os mais diversos temas de interesse surgem no ciberespaço, incluindo protestos e mobilizações sociais pela rede. Dessa maneira, a política pode, enfim, vincular-se a um novo formato social de ação, utilizando-se do mundo virtual.

Lévy (2011) menciona três princípios que colaboraram para o crescimento do

1. Lévy (2011, p. 126) considera o ciberespaço como um espaço de compartilhamento, de encontro e de invenção coletiva, alimentado não somente pela internet, um dos principais exemplos de construção cooperativa internacional, mas também por redes de empresas, de associações, de universidades e das mídias clássicas.

ciberespaço que, segundo ele, tiveram maior impacto social do que tecnológico: a criação das já citadas comunidades virtuais, a inteligência coletiva dentro da rede e a interconexão, também apontada por Castells (2003). Evidencia-se, portanto, que, a partir de afinidades, de conhecimentos e projetos, pode ser estabelecida uma interconexão cooperativa entre as pessoas, independentemente da distância geográfica ou das filiações institucionais a que os indivíduos estejam submetidos. Assim, são criadas as comunidades virtuais, numa espécie de coletivo permanente que se organiza por meio da rede (LÉVY, 2011).

Por outro lado, essa interconexão em tempo real pode ser considerada como a causa da desordem provocada por uma espécie de dilúvio² de informações, que incha o ciberespaço. Todavia, não se pode negar que ela é também a responsável por favorecer a inteligência coletiva e por fornecer a orientação necessária frente ao caos informacional. Isso tudo favorece o funcionamento dos grupos humanos e os usos sociais das novas tecnologias, num processo que temos acompanhado constantemente (LÉVY, 2011).

Torna-se evidente que, desse modo, passou a ser possível produzir o sentido coletivamente, cooperativamente e para além das fronteiras das culturas, das religiões, dos territórios e dos pequenos poderes (LEMONS; LÉVY, 2010). Sendo assim, é possível concluir que o ator social contemporâneo não luta sozinho, mas atua em rede, numa articulação que é global e cuja ação é local (GOSS; PRUDENCIO, 2004). Tal definição significa que, no espaço cibernético, questões de natureza local ganham alcance planetário, o que possibilita grandes mobilizações globais.

Para essa questão, buscamos a visão de Bauman - sociólogo polonês - que se dedicou intensamente à compreensão da condição humana em nosso tempo, fortemente marcado pela fluidez:

num planeta aberto à livre circulação de capital e mercadorias, o que acontece em determinado lugar tem um peso sobre a forma como as pessoas de todos os outros lugares vivem, esperam ou supõem viver. Nada pode ser considerado com certeza “num lado de fora” *material*. Nada pode verdadeiramente ser, ou permanecer por muito tempo, indiferente a qualquer outra coisa: intocado e intocável. O bem-estar de um lugar, qualquer que seja, nunca é inocente em relação à miséria de outro. (BAUMAN, 2007, p.12, grifo do autor)

Ademais, a transmissão e a produção de conhecimentos deixaram de ser exclusividade da elite e passaram a dizer respeito aos indivíduos em suas vidas cotidianas e em seus trabalhos. O fato é que, com as TDIC, surge uma nova relação com o saber, pois, ao prolongar determinadas capacidades comunicativas humanas, essas ferramentas redefinem seu alcance, significado e natureza. Com elas, são geradas possibilidades de colaboração em rede, aprendizagem colaborativa e criação coletiva distribuída. Tudo isso traz à tona, novamente, o funcionamento das instituições e os modos de divisão do trabalho nas empresas e escolas (LÉVY, 2011). Estabelece-se, assim, uma troca generalizada de conhecimento e as formas institucionais de produção de saberes passam

2. Ascott (apud LÉVY, 2011) utiliza a metáfora de um segundo dilúvio para falar sobre a enchente de informações contemporânea recebida pelos indivíduos por meio do ciberespaço.

a ser questionadas.

Na mesma direção, conforme discorre Santaella (2003), muitas são as transformações que as novas TDIC têm trazido para todas as esferas da vida humana como, por exemplo, o trabalho, a comunicação, a educação, entre outras. Mais do que isso, tais tecnologias digitais trazem reflexos para toda a estrutura social das sociedades capitalistas. Contudo, a semioticista ressalta que os meios de comunicação não passam de canais para a transmissão de informação e são os signos e mensagens que neles transitam os responsáveis por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais. Santaella (2003) destaca ainda que, no início dos anos 1980, começaram a ser intensificadas as combinações entre linguagens e meios, com a conseqüente origem de mensagens híbridas. Tal processo estimulou o consumo individualizado em oposição ao consumo massivo, algo considerado como constitutivo da “cultura das mídias [...] que nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas [...] e nos treinaram para a busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar” (SANTAELLA, 2003, p. 27).

Isso, de certa maneira, preparou os indivíduos para a chegada dos meios digitais que permitem uma busca individualizada da informação. Nesse contexto, “a tecnologia não apenas penetra nos eventos, mas se torna um evento que não deixa nada intocado. É um ingrediente sem o qual a cultura contemporânea – na verdade, toda a gama de interesses sociais – é impensável.” (ARONOWITZ, 1995, p. 22, apud SANTAELLA, 2003, p. 30). Assim, é natural que até mesmo os movimentos sociais também adquiram novas formas de organização por meio das TDIC.

3 | O CIBERATIVISMO

Em tempos de cibercultura, cada vez mais as lutas têm sido articuladas a partir das redes sociais. Acerca disso, Gohn (2014) aponta que se trata de uma nova maneira de fazer política, não no sentido partidário, mas sim no sentido grego, do cidadão que se manifesta e discute essa temática em praça pública. Partindo-se disso é que surge o conceito do *ciberativismo*, ou seja, a atuação social por meio das TDIC, principalmente a internet. Pode-se dizer que o *ciberativismo* favorece a atuação em rede por apresentar baixo custo para a mobilização, velocidade e eficácia nas respostas, o que possibilita a articulação de usuários da rede a qualquer distância.

De acordo com Gohn (2010a), muitos dos atuais movimentos sociais são herdeiros dos realizados nas décadas anteriores. Contudo, ocorreram significativas alterações em sua estrutura, como a ampliação dos sujeitos sociopolíticos em cena e a forma de atuação, agora em redes. Ainda para a pesquisadora, os movimentos sociais:

são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e

disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo. (GOHN, 1995, p. 44).

Desse modo, estrutura-se o que Lévy (2011, p. 162) denomina como “ecologia cognitiva das sociedades”. Isso se relaciona ao fato das pessoas pensarem em conjunto e dentro de grupos e instituições que reproduzem processos intelectuais fornecidos por uma cultura, estabelecendo, assim, o que Habermas (apud GOHN, 2011, p. 336) denominou como “agir comunicativo”. Nas palavras do referido filósofo alemão, em relação à racionalidade vinculada à intersubjetividade,

a partir da possibilidade do entendimento através da linguagem podemos chegar à conclusão de que existe um conceito de razão situada, que levanta sua voz através de pretensões de validade que são, ao mesmo tempo, contextuais e transcendentais. [...] De um lado, a validade exigida para as proposições e normas transcende espaços e tempos; de outro, porém, a pretensão é levantada sempre aqui e agora, em determinados contextos, sendo aceita ou rejeitada, e de sua aceitação e rejeição resultam as consequências fáticas para a ação (HABERMAS, 1990, p. 175-176).

É exatamente isso que as manifestações, ocupações e protestos que ocorreram a partir de 2011 no Brasil têm em comum. Dito de outro modo, são articuladas via redes sociais, compostas por manifestantes que não apresentam, necessariamente, uma ideologia política ou filiação partidária e não surgem mais somente nas demandas da periferia ou nas articulações dos sindicatos (GOHN, 2014). Isso é muito significativo para Lemos e Lévy (2010, p. 27) que defendem: “Devemos, ainda mais em países como o Brasil, aproveitar a potência que essas tecnologias nos oferecem para produzir conteúdo próprio, para compartilhar informação, enriquecendo a cultura e modificando o fazer político”.

Verifica-se, então, que as TDIC sinalizam para um novo direcionamento no que diz respeito à atuação política. A democracia burguesa e seus limites na sociedade capitalista são colocados em xeque. Acerca disso, Lévy (2011, p. 186) conceitua a “democracia eletrônica” como aquela organizada a partir das possibilidades da comunicação interativa e coletiva do ciberespaço para estimular a expressão e a elaboração dos problemas da cidade pelos próprios cidadãos. Além disso, há a preocupação com a auto-organização das comunidades locais, e a participação dos cidadãos diretamente afetados pelas decisões nas deliberações e na avaliação e transparência das políticas públicas.

Diante de toda essa conjuntura, Gohn (2010a) destaca a existência de três grandes categorias de movimentos sociais na atualidade, quais sejam: os identitários, nos quais os segmentos sociais excluídos – como mulheres, afrodescendentes, índios, imigrantes e portadores de necessidades especiais – lutam por direitos sociais, econômicos, políticos e culturais; os de luta por melhores condições de vida e de trabalho; e os movimentos globais, nos quais se atua em redes sociopolíticas e culturais, via fóruns, conselhos, por exemplo. Esses movimentos sociais estão, mais do que nunca, representados no

ambiente cibernético, local onde as mídias e redes sociais vêm atuando, de acordo com vários estudiosos, como uma espécie de nova praça pública na qual são realizados debates e mobilização social.

Entretanto, cabe ressaltar, em linha com a análise comparativa entre os movimentos dentro e fora da rede, a afirmação de Gohn (2010b) sobre as ações civis conectadas, as quais, para ela, não se preocupam mais com demandas universais, mas sim com questões particulares de interesse imediato da categoria ou grupo social a que pertencem. Sendo assim, nota-se que manifestações populares articuladas partindo-se de demandas pontuais não contribuem, necessariamente, para solucionar os problemas em uma dimensão global. Dito de outra forma, são diversos os objetivos que podem levar a uma mobilização social a ser mediada pelos aparatos eletrônicos, embora não haja uma condição básica de consonância com outras causas, dentro de uma única ideologia.

Evidencia-se, assim, a importância das redes a partir do que Bauman (2001) denomina como crise da noção de cidadania, intensificada pelo processo de individualização. A esse respeito é preciso cautela pois, como adverte o mesmo Bauman (2008) em sua obra intitulada “A sociedade individualizada”, o espaço público está cada vez mais vazio de questões públicas. O autor sugere, então, que é a ação coletiva, mesmo gerada por demandas individuais, que pode reintegrar a cidadania. As lutas por educação, por exemplo, para Gohn (2010a), envolvem lutas por direitos e são parte da construção dessa cidadania.

4 | OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO NA ERA DA CIBERCULTURA

No que se refere à educação, os movimentos sociais são de caráter histórico e processuais, ocorrendo em diversos espaços institucionais, não somente nas escolas. Some-se a isso o fato que abrangem questões relacionadas ao conteúdo escolar e a outras temáticas como questões de gênero, portadores de necessidades especiais, meio ambiente, direitos humanos, entre outros. Esses movimentos, que se constituem como fontes e agências de produção de saberes, apresentam lutas por direitos e fazem parte da construção da cidadania (GOHN, 2010a).

No mesmo sentido, ao mencionar uma das reformas necessárias à educação da cibercultura, Lévy (2011, p. 158) aborda o reconhecimento das experiências adquiridas:

se as pessoas aprendem com suas atividades sociais e profissionais, se a escola e a universidade perdem progressivamente o monopólio da criação e transmissão do conhecimento, os sistemas públicos de educação podem ao menos tomar para si a nova missão de orientar os percursos individuais no saber e de contribuir para o reconhecimento dos conjuntos de saberes pertencentes às pessoas, aí incluídos os saberes não-acadêmicos (sic).

A afirmação do autor dialoga com Gohn (2010a) quando a estudiosa aborda os processos educativos que ocorrem em espaços não formais e informais, respectivamente

“no mundo da vida” e no “processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares” (GOHN, 2010a, p. 16). Vale destacar ainda a importância da gestão democrática do ensino a partir da execução de um projeto político emancipatório, em busca de uma educação de qualidade para todos: “a educação não se resume à educação escolar [...] há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominados de educação não formal. [...] É a participação social em movimentos e ações coletivas, o que gera aprendizagens e saberes” (GOHN, 2011, p. 333).

Evidencia-se, portanto, que para Gohn (2011) a educação não se resume à formação escolar, ao contrário, há a apropriação de saberes em outros espaços, algo que ela denomina como educação não formal, e ocorre, por exemplo, com a participação social em movimentos e ações coletivas. Lévy (2011) também contribui com a questão ao discorrer sobre a necessidade de implementação de procedimentos de reconhecimento desses saberes adquiridos na vida social e profissional, pois, como é possível observar, os indivíduos aprendem cada vez mais fora do sistema acadêmico e é preciso favorecer o desenvolvimento da formação alternativa. Sendo assim, não se pode simplesmente utilizar as tecnologias digitais na educação, por exemplo, sem mudar as formas de validação das aprendizagens, uma vez que seria um esforço apenas estético.

A partir disso, na abertura da abordagem sobre a nova relação que se estabelece com o saber a partir da proximidade entre educação e cibercultura – assim como fizemos com os movimentos sociais –, Lévy (2011) discorre sobre o fato de estarmos diante de um saber-fluxo, ou seja, há a necessidade de novos modelos de educação e formação, pois não é mais possível definir com antecedência o que é preciso aprender.

Isso deve-se ao fato de que os perfis e competências passaram a ser singulares e cursos válidos para todos, já não fazem mais sentido. Há a necessidade de diversificação e personalização do ensino, pois indivíduos já não querem seguir cursos uniformes que não são adaptados à flexibilidade e à diversidade e que tampouco correspondem às especificidades de suas trajetórias de vida (LÉVY, 2011).

Desse modo, o teórico sugere duas grandes reformas para a educação na cibercultura: a aclimatação da EaD (educação aberta e a distância) e o reconhecimento das experiências adquiridas. A EaD, segundo Lévy, consiste num novo modelo pedagógico centrado em aprendizagens coletivas em rede e personalizadas, utilizando-se, para tanto, das hipermídias, das redes de comunicação interativas e das tecnologias intelectuais da cibercultura. Ademais, destaca também que a aprendizagem aberta e a distância é capaz de reproduzir as características da sociedade informacional como um todo, ou seja, sociedade em rede, personalização, velocidade, conhecimento massificado, aprendizagem cooperativa, entre outras (LÉVY, 2011).

Para o desenvolvimento desse modelo também é necessária uma nova postura do professor, passando a mediar pedagogicamente a aprendizagem e a construção dos conhecimentos, em vez de ser um mero fornecedor direto de conhecimentos. Em outras

palavras, como apresenta Silva (2010, p. 221) “de polo transmissor, ele passa a agente provocador de situações, arquiteto de percursos, mobilizador da inteligência coletiva”. Lévy (2011, p. 171) amplia essa questão ao defender que “os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes ‘disciplinares’ como suas competências pedagógicas”.

Nessa perspectiva, tendo em vista a quantidade de informações disponibilizadas na rede, o professor pode assumir a tarefa de estar ao lado dos seus estudantes, no sentido de busca de significados para o conhecimento e no aprimoramento de sua condição humana, adotando o diálogo como estratégia, inclusive em ambientes digitais de aprendizagem:

Quando falamos em diálogo, está implicado o escutar, o considerar o outro, e quando pensamos em diálogo orientado pelo cuidado de si como uma tarefa possível para a educação, estamos pensando numa atitude de ponderação, argumentação, de um pensar e repensar naquilo ao qual o sujeito aluno, ou sujeito tutor, está procurando qualificar em sua formação (SANTOS, 2013, p. 108).

Conforme pode ser observado, é inegável que, como afirma Lyotard (1998, apud KENSKI, 2007), o homem está passando, na atualidade, por seu maior desafio que são as tecnologias digitais. Segundo Santaella (2003), trate-se da revolução digital e da explosão das telecomunicações, trazendo consigo a cibercultura e as comunidades virtuais.

Sendo assim, estas não podem ser simplesmente negadas no cotidiano escolar. Ao contrário, precisam ser incorporadas por ele. Dessa forma, é mister repensar as formas de ensinar de modo a utilizar as TDIC como suporte pedagógico. Isso faz-se necessário, sobretudo, pois estamos diante de um novo perfil de aluno, envolvido constantemente com as tecnologias digitais. O fato é que a inserção das tecnologias no contexto educacional ocasiona a descentralização do conhecimento, já que as informações, com o advento da internet, passam a estar ao alcance de todos. Há, portanto, uma equiparação entre professor e aluno, já que o primeiro deixa de ser considerado/reconhecido como detentor absoluto do saber. Dessa forma, uma das atribuições do professor passa a ser a de contribuir no processo de transformação de informação para conhecimento.

Kenski (2005, p. 75) corrobora com esse pensamento ao discorrer que há um salto nas relações entre educação e tecnologias digitais com as novas possibilidades de comunicação advindas da internet que permitem o acesso à informação em qualquer lugar do mundo. Assim, “a sala de aula se abre para o restante do mundo e busca novas parcerias e processos para ensinar e aprender”. Por isso, as TDIC relativizam até mesmo o conceito de distância, tornando-a uma distância física apenas. Dessa maneira, professores e estudantes precisam assumir um papel de protagonismo ativo, deixando de ser consumidores e reprodutores dos materiais produzidos por terceiros e passando a criar seus textos e materiais de estudo com base na leitura, análise e interpretação dos meios, canais e suportes de comunicação (FIORENTINI, 2003).

Reconhecer esse novo cenário requer dos professores a adoção de uma nova

postura e a busca por aperfeiçoamento constante. Portanto, de acordo com Perico (2014), o desafio que desponta no horizonte da educação contemporânea não se refere aos movimentos e processos sociais que delimitam, de maneira macro, a atuação das instituições educacionais ou às políticas governamentais voltadas para a educação, mas sim à prática diária escolar e seus sujeitos. Ou, dito de outro modo, o que Lévy (2011, p. 167) defende: “qualquer política de educação terá que levar isso em conta”. No mesmo sentido, de acordo com Moran (2002, p. 165), “quanto mais tecnologias avançadas, mais a educação precisa de pessoas humanas, evoluídas, competentes, éticas”. Isso quer dizer que, quanto mais acesso as pessoas têm aos meios digitais, maior a necessidade de intermediação.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade atual, inserida na era da cibercultura, apresenta-se sob a organização de novos arranjos motivados, sobretudo, pelas TDIC, algo que se reflete em diversas esferas da vida cotidiana. As informações passaram a ser compartilhadas e ressignificadas de maneira fluída e veloz. Além disso, no ciberespaço, surgem comunidades virtuais que estreitam os laços entre os indivíduos e permitem novas formas de interação e comunicação global. Tudo isso favorece também o surgimento de outras formas de ação política e os movimentos sociais da contemporaneidade assumem uma nova organização, agora em redes.

Dessa forma, o *ciberativismo* assume as características do mundo tecnológico na sua articulação, algo que permite a construção de novas formas organizacionais para a política e a educação, com implicações diretas nos modos por meio dos quais os indivíduos se comportam frente a esses processos. Há espaço para a comunicação interativa e a inteligência coletiva, principalmente a partir de lutas por questões identitárias, globais e por melhores condições de vida e de trabalho.

Diante disso, a educação também precisa estar em consonância com o contexto em que se insere, com um novo perfil de indivíduos em busca do conhecimento. Para tanto, a educação em ambientes digitais pode ser um caminho para oportunizar um ensino mais flexível e individualizado, oportunizando o protagonismo ativo de educadores e educandos na produção do conhecimento. Ademais, é preciso lembrar que não se aprende mais somente nos espaços escolares, pois nas atuações sociais também há a produção de saberes, por meio de um processo de educação não formal.

Utilizando-se, principalmente, da perspectiva teórica adotada por Lévy e Gohn, foi possível compreender um pouco melhor como se dão esses processos no contexto cibernético. Longe de esgotar o assunto, o presente estudo pretendeu ser apenas o disparador de novas discussões acerca da temática apresentada. A necessidade de refletir acerca de outros caminhos para a educação na cibercultura e de analisar novas formas

de articulação dos movimentos sociais, por meio das TDIC, num cenário em que tudo se altera rapidamente, persistirá e precisará ser força motriz para novos estudos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Aidil J. da S.; LEHFELD, Neide A. de S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3.ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**; vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FIORENTINI, Leda M. R. A perspectiva dialógica nos textos educativos escritos. In:_____; MORAES, Raquel A. (Org.) **Linguagens e interatividade na educação a distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOHN, Maria da G. **Sociologia dos Movimentos Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- _____. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, nº 47, p. 333-361, 2011.
- _____. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010a.
- _____. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Vozes, 2010b.
- _____. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1995.
- GOSS, Karine P.; PRUDÊNCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Em Tese**, vol. 2, nº 1 (2), janeiro-julho 2004, p. 75-91. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13624>>. Acesso em: 25 jun. 2016
- HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- KENSKI, Vani M. **Educação e tecnologias**: O Novo Ritmo da Informação. 1. ed. Campinas: Papyrus, 2007.
- _____. Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem. In: **CONGRESSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**, 12., 2005, Florianópolis. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/030tcc5.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2016.
- LEMOS, André; LÉVY, Pierre. O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

MORAN, José M. Novos caminhos do ensino à distância. In: **Informe CEAD** – Centro de Educação à Distância. SENAI, Rio de Janeiro, ano 1, n.5, out/dez, 2002, p. 1-3. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf>> Acesso em: 25 jun. 2016.

PERICO, Lucivânia A. S. **Quando a aula termina**: o uso de portal educacional e os multiletramentos. Cadernos de Educação (UMESP), v. 13, p. 108-119, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Boaventura de S. **Democratizar a democracia**: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, Vanice dos. **Ágora digital**: o cuidado de si no caminho do diálogo entre tutor e aluno em um ambiente digital de aprendizagem. Jundiá: Paco, 2013.

SILVA, Marco. Desenho didático: contribuições para a pesquisa sobre formação de professores para docência online. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antônio (Org.). **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aplicação Web Administrativa Educacional 125

Aprendizagem 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 120, 123, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 149, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232

Aprendizagem Criativa 226, 230, 231, 232

Avaliação docente 226

B

BNCC 186, 187, 188

C

Cenários educacionais 208

Ciberativismo 145, 147, 150, 155

Cibercultura 55, 145, 147, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 159

Competências 13, 15, 21, 24, 25, 26, 29, 40, 43, 44, 46, 47, 49, 50, 52, 54, 55, 94, 95, 96, 102, 109, 134, 153, 154, 166, 167, 191, 194, 215, 220, 226, 227, 230, 231

Criticidade 186

Currículo 69, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 94, 97, 231

D

Desenvolvimento local 71, 72, 74, 75, 76, 83

Desenvolvimento Tecnológico 122

Didática 13, 21, 55, 97, 136, 160, 188, 189

Discente 94, 115, 120, 136, 137, 142, 189

Dispositivos móveis 56, 57, 59, 60, 61, 63, 65, 66, 68, 69, 70

divulgação científica 170, 173, 184, 185

Divulgação Científica 170

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA 170

E

EAD 8, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 164, 167, 169, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225

Educação à distância 40, 224
Educação em ambientes digitais 145, 146, 155
Educando 160, 163, 166, 186, 189
Empoderamento 158
Engenharia 43, 98, 99, 100, 103, 104, 106, 107, 109, 110, 128, 191
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 27, 28, 29, 30, 33, 36, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 77, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 125, 126, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 153, 155, 157, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 186, 188, 194, 196, 197, 199, 203, 204, 205, 206, 211, 212, 213, 217, 224, 225, 227, 229
Ensino superior 45, 55, 98, 99, 103, 199, 206, 217, 224

F

Facebook 4, 7, 78, 79, 83, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 173
Formação docente 64, 226, 227

G

Gamificação 6, 56, 57, 59, 62, 67, 68, 70
Gestão 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 30, 40, 43, 46, 54, 55, 71, 74, 77, 96, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 134, 141, 142, 153, 208, 213, 214, 215, 221, 222, 223, 224, 225, 231
Gestão Acadêmica 125
Gestão Escolar 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21

I

Inclusão Digital 71, 72, 73, 74, 75, 76, 84
indicadores de qualidade 206
Informação 1, 2, 3, 4, 11, 18, 49, 58, 61, 69, 73, 98, 99, 101, 108, 112, 120, 134, 145, 147, 156, 159, 165, 190, 191
Informática Educativa 158, 159, 160, 161, 162
Instagram 4, 7, 114, 116, 170, 171, 172, 173, 174, 181, 184, 185
Invenções Científicas 122

M

Mediação pedagógica 158, 159
Metodologias Ativas 9, 17, 58, 59, 69, 98, 100, 101, 103, 104, 108, 109, 110, 221, 226, 227, 232
Monitoria 136, 137
Motivação 14, 31, 32, 46, 59, 68, 82, 100, 110, 111, 227
Movimentos Sociais 3, 145, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 223

My Maps 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143

O

Origem 3, 32, 122, 150, 173, 177, 178, 182, 183

P

Pensamento Computacional 190, 191, 194, 195, 196

Prática Pedagógica 48, 55, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 159

Preconceito 186, 187, 189

Produção de vídeos 186, 188

Professores 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 24, 29, 44, 46, 49, 56, 57, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 83, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 100, 101, 120, 125, 127, 129, 140, 154, 157, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 169, 185, 186, 192, 207, 226, 227, 231, 232, 233

Q

Qualidade 6, 11, 12, 14, 15, 21, 24, 27, 29, 41, 43, 49, 52, 58, 66, 73, 74, 91, 94, 95, 100, 153, 164, 169, 178, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 221, 222

R

Raciocínio Lógico 190, 191, 192, 194, 195, 196

S

Saúde Coletiva 110, 136, 137, 138, 139, 142, 144

Setor público 205, 208, 211, 212, 221, 222

T

Tecnologia 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 16, 20, 27, 28, 31, 34, 35, 37, 40, 47, 49, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 73, 80, 84, 85, 94, 96, 98, 100, 101, 103, 107, 112, 120, 125, 126, 134, 135, 142, 150, 164, 165, 166, 169, 189, 212, 216, 217, 223, 225, 226, 228, 231, 233

Tecnologias da informação e comunicação 2, 10, 11, 14, 16, 20, 69, 71, 74, 112, 212

Tecnologias digitais da informação e comunicação 148, 158, 162

Terceira Idade 72, 73, 75, 82

Transformação digital 208, 221

Tutor 42, 47, 55, 154, 157, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 212

U

Universidade Corporativa 22, 24, 25, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 213, 214, 223

V

Vantagens 19, 22, 24, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 56, 63, 65, 68

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2020

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2020